

APRESENTAÇÃO

ARENDT E OS DESAFIOS DO PRESENTE: POLÍTICA, EDUCAÇÃO E JUSTIÇA.

Carlos Fernando Silva Brito¹

Hannah Arendt permanece como uma das pensadoras mais instigantes e desafiadoras do século XX — e, paradoxalmente, uma das mais necessárias ao nosso tempo. Sua recusa em construir um sistema fechado e sua insistência em pensar a partir dos acontecimentos fazem de sua obra uma filosofia política enraizada na experiência, atenta à fragilidade das instituições e à potência sempre renovada da ação. Retomar Arendt, portanto, não é apenas um gesto de memória: é um exercício de responsabilidade diante do presente.

O dossiê **“Arendt e os desafios do presente: política, educação e justiça”**, publicado pela *Cadernos Arendt*, reúne seis textos que percorrem diferentes dimensões de seu pensamento. Embora variados em tema e enfoque, todos partilham uma mesma inquietação: compreender como as categorias arendtianas — liberdade, ação, mundo comum, pluralidade — podem iluminar os dilemas contemporâneos da política, da educação e da justiça.

O dossiê se abre com o artigo de Antônio Glauton Varela Rocha, *“O equilíbrio entre o comum e o singular em Hannah Arendt no contexto da vida do espírito”*. O autor examina as faculdades do pensar e do julgar na obra tardia de Arendt, mostrando como a vida do espírito não se afasta do mundo, mas o sustenta. Ao articular o pensamento e o juízo como dimensões públicas, o texto destaca o papel do exercício reflexivo na preservação do mundo comum e na responsabilidade diante dos outros.

Na sequência, Antônio Batista Fernandes, em *“Que República? Arendt, do legado clássico ao republicanismo moderno”*, analisa a influência do republicanismo clássico sobre o pensamento arendtiano. Retomando autores como Cícero, Políbio e Maquiavel, o artigo mostra como Arendt se vale da tradição republicana não como modelo a restaurar, mas como recurso para repensar as revoluções modernas e a fragilidade das instituições políticas. Sua leitura resgata o sentido do político como espaço de liberdade e fundação de novas formas de convivência.

O terceiro texto, *“Educação em ruínas? Uma leitura arendtiana sobre a violência contra as escolas no Brasil”*, de Izaquiel Arruda Siqueira, traz a reflexão arendtiana para o centro do debate educacional contemporâneo. A partir dos massacres escolares ocorridos nas últimas décadas, o autor mobiliza conceitos como violência, banalidade do mal, crise da autoridade e mundo comum, mostrando como esses episódios revelam a erosão das bases simbólicas e políticas da escola. Propõe, então, repensar o papel da educação à luz das categorias do perdão e da promessa, como possibilidades ético-políticas de reconstrução.

Em *“Ilhas de liberdade: a política presente nas práticas de justiça restaurativa”*, Aline Soares Lopes e João Salm aproximam o pensamento de Arendt da experiência contemporânea da Justiça Restaurativa. Os autores veem nos processos circulares desses encontros mais do que técnicas de resolução de conflitos: verdadeiros espaços de aparecimento, onde a ação e o discurso podem florescer. Nessas “ilhas de liberdade”, a política resiste — não como aparato de poder, mas como experiência de criação conjunta e plural.

O quinto artigo, *“Hannah Arendt e o sionismo: Cassandra de pés de argila”*, de Pierre Bouretz, examina um dos momentos mais controversos da trajetória intelectual de Arendt. A partir de sua atuação no movimento sionista e do posterior rompimento com ele, Bouretz reconstitui o percurso

¹ Doutor em Filosofia pela UFMG com estágio de pesquisa internacional no Centre des Savoirs sur le Politique - Recherches et Analyses (CESPRA) da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Professor do departamento de filosofia da Faculdade Católica do Maranhão. Contato: prof.carlos@facmaedu.com.br.

que levou Arendt da militância à crítica radical das formas políticas assumidas pelo sionismo. Ao traçar o perfil de uma “Cassandra” que anteviu impasses decisivos da política judaica moderna, o texto recupera a coragem arendtiana de pensar contra a corrente.

O dossiê se encerra com a tradução e reedição do texto de Claudia Hilb e Matías Sirczuk, “*A evasão da democracia: pensar com e contra Hannah Arendt*”. Os autores exploram o diálogo — tenso e fecundo — entre Arendt e Claude Lefort, em torno das noções de totalitarismo, modernidade e democracia. Lefort reconhece em Arendt uma inspiração decisiva, mas a crítica por não perceber plenamente a novidade simbólica da democracia moderna. Pensar “com e contra” Arendt torna-se, aqui, uma prática filosófica e política: forma de manter viva a tensão criadora entre duas interpretações maiores da experiência democrática.

Reunidos, esses seis artigos formam um mosaico que atesta a vitalidade de Arendt como interlocutora do presente. Seja na reflexão sobre a vida do espírito, na reinterpretação do republicanismo, nas análises da violência e da educação, nas experiências de justiça restaurativa, na crítica do sionismo ou no debate sobre a democracia moderna, seu pensamento se mostra inquieto e inesgotável. Mais do que um tributo, este dossiê é um convite. Convida-nos a ler Arendt não apenas para compreender o passado, mas para enfrentar o presente com lucidez e coragem; não apenas para interpretar a política, mas para preservá-la como espaço de liberdade e pluralidade. Afinal, como lembrava a filósofa, “a liberdade, como fato demonstrável e inegável, sempre esteve presente no mundo” — e cabe a nós criar e sustentar as condições para que ela continue a aparecer.